

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Revista Visão

Class.: 1854

Data: 22.08.90

Pg.: _____

Washington Novaes



Yan

A bênção, ianomâmi

Está nos jornais que a anunciada viagem do presidente norte-americano George Bush ao Brasil incluirá a visita a uma aldeia dos índios ianomâmis, em Roraima. Será interessante.

Dizem os ianomâmis que nosso universo é constituído de duas grandes esferas. Sobre uma, estamos pousados. A outra está sobre nossas cabeças. E eles — o povo ianomâmi — são responsáveis pelo equilíbrio nesse universo. São uma espécie de seus guardiães: eles é que sustentam a esfera superior e impedem que ela

esmague a de baixo, onde vivemos todos. É assim, simplesmente. E não apenas entre os ianomâmis. Os índios cheyennes, dos Estados Unidos, têm um mito semelhante. Lá, entre eles, quem sustenta a esfera de cima é um imenso tronco de árvore. Que, no entanto, corre perigo, pois está sendo roído pelo urso branco — enraivecido com a caçada sem trégua que lhe move o homem "civilizado". Por isso, os cheyennes protegem o urso branco, tentam impedir a ação dos caçadores.

São muitos os povos que assim se consideram — guardiães da Terra, responsáveis pelo equilíbrio no nosso planeta. É curioso, por isso, que se anuncie como um dos objetivos da viagem de Bush consolidar uma política de proteção aos ianomâmis.

Na verdade, caberia perguntar: os Estados Unidos protegem os ianomâmis ou os ianomâmis é que protegem os Estados Unidos e seu presidente? Para responder, pode-se lembrar a importância que tem a Amazônia para os Estados Unidos e para o chamado Primeiro Mundo. E aí convém recordar, entre outras coisas, além dos perigos do desmatamento na geração do efeito estufa, o que o atual secretário nacional do Meio Ambiente, José Lutzenberger, diz em um de seus livros, *Gaia*: as correntes de vento que vêm do Atlântico Sul e atravessam o Nordeste brasileiro encontram na Amazônia as nuvens formadas pela evapotranspiração da floresta e as conduzem progressivamente para o Oeste; de tal forma que — mostra uma pesquisa do professor Enéas Salati —, ao precipitar-se nas fraaldas da cordilheira, sob a forma de chuva, será uma água já reciclada (chuva-evapotranspiração-chuva etc.) de cinco a sete vezes; na Cordilheira dos Andes, as correntes que atravessam o

Atlântico, o Nordeste e a Amazônia dividem-se; uma pequena parte ultrapassa o maciço montanhoso e vai influenciar o clima do Pacífico; mas o grosso das correntes se bifurca, uma parte em direção ao Sul, onde ajudará a compor o clima da Argentina e do Chile, outra parte na direção Nordeste, entrando pelo golfo do México e pelo Atlântico Norte, até chegar ao extremo setentrional da Noruega. É por isso, lembra Lutzenberger, que no mesmo paralelo 70 se encontram os esquimós (onde não chegam

aqueles correntes de vento) e as florestas do Norte da Noruega (onde chegam).

Se é assim, a Amazônia é fundamental para o clima não apenas da América do Sul, mas para o golfo do México, o Sul dos Estados Unidos, o Atlântico Norte e a Europa setentrional. E aí entram em cena os guardiães da floresta, os que permitiram, com seu modo de vida, que ela se preservasse até hoje. Os que impediram que a esfera superior esmagasse a inferior — que, sem eles estaria desnuda, desequilibrada, talvez ressequida, desertificada como em outras partes do mundo (o sub-Saara, por exemplo, que já foi floresta). Não é acaso que — como observam tantos autores — a ciência esteja começando a penetrar os domínios até aqui reservados ao mito, em sua busca de um sentido para a vida e a evolução biológica no nosso universo. Ciência e mito começam a partilhar uma mesma linguagem. Até mesmo porque é possível que ainda estejamos apenas no início do processo evolucionário. Nosso conhecimento só poderia ser fragmentário, incipiente, rude mesmo. Só uma linguagem menos literal, mais alusiva, mais abrangente — como a do mito — poderia abarcar a totalidade. Não é de estranhar, portanto, que o homem do neolítico, como lembra Lévy-Strauss, tenha em certo momento de sua evolução abandonado a possibilidade de uma linguagem científica (embora não lhe faltasse o necessário conhecimento de seu ambiente) e optado pela linguagem mitológica.

Uma linguagem como a dos ianomâmis.

Faz sentido, pois, que o presidente George Bush vá pedir bênção e proteção aos nossos "selvagens" de Roraima. Ainda que fazendo de conta — com a ajuda dos meios de comunicação — que lá estará para oferecer-lhes proteção.